

EM DEFESA DE UM PROJETO POLÍTICO E RELIGIOSO: INTELECTUAIS CATÓLICOS BRASILEIROS NOS CONGRESSOS DO OFFICE INTERNATIONAL

GLAUCO COSTA DE SOUZA

[RESUMO]

O artigo apresenta a participação dos intelectuais brasileiros nos congressos organizados pelo Office International, na cidade Suíça de Lausanne, destacando os discursos de José Pedro Galvão de Souza e Gustavo Corção. A análise dessa participação revelou a defesa de um projeto político e religioso ligado à defesa do regime ditatorial de 1964 e o ataque à corrente progressista no exterior.

Palavras-chave: Intelectuais, Integrismo, Regime Militar, Antiprogressismo.

[ABSTRACT]

In Defense of a Political and Religious Project : Brazilian Catholic Intellectuals at Congresses of the Office International

The article presents the participation of Brazilian intellectuals in the congresses organized by Office International, in the Swiss city of Lausanne, highlighting the speeches of José Pedro Galvão de Souza and Gustavo Corção. The analysis of this participation revealed the defense of a political and religious project linked to the defense of the dictatorial regime of 1964 and the attack on the progressive current abroad.

Keywords: Intellectuals, Integrism, Military Regime, Antiprogressism.

1. Introdução

O primeiro *Congresso de Lausanne* que aconteceu com a participação de um movimento integrista¹ brasileiro ocorreu no ano de 1969, cujo tema foi *Culture et Révolution*. O grupo paulista *Hora Presente*² enviou seu líder intelectual José Pedro Galvão de Souza a esse congresso. Já o grupo *Permanência*³ enviou Helena Rodriguez, redatora do grupo carioca, no congresso do *Office International* em 1970 para estabelecer contatos com membros do integrismo internacional. Desse encontro, uma constatação: “[...] mesmo os franceses mais esclarecidos e atentos aos movimentos de reação à onda subversiva no mundo inteiro ainda não tinham entendido e avaliado bem o significado profundo do movimento de 64 no Brasil” (PERMANÊNCIA, 1972, p. 46). Gustavo Corção, líder intelectual do grupo *Permanência*, escreveu uma carta a Jean Ousset, líder do *Office*, na qual criticou a Igreja progressista no Brasil, descreveu a importância do movimento *Permanência* e agradeceu a gentileza prestada à Helena Rodrigues no encontro. O grupo *Permanência* foi convidado a montar um stand no Congresso que seria realizado no ano de 1972. Desse momento em diante, o movimento integrista brasileiro tornou-se reconhecido na Europa.

¹Os intelectuais integristas do Brasil e do mundo fazem parte de um movimento que surgiu em finais do século XIX contra o pensamento moderno, caracterizando-se pela intransigência a qualquer tipo de “novidades” no seio da Igreja. A palavra integrismo surgiu na França de 1910, em jornais da época que indicavam a querela entre católicos intransigentes e modernistas no espaço político e religioso francês. Contudo, o integrismo se mostrou polissêmico e multiforme, de difícil identificação. (POULAT, 1969).

²O grupo paulista *Hora Presente* lançou sua revista homônima no dia 22 de agosto de 1968. Tinha como diretor José Orsini e como líder intelectual Galvão de Souza, escritor católico que tinha aproximações com o integrismo espanhol. A revista criticava o movimento progressista e o momento político da época, denunciando o comunismo e suas atuações no Brasil e no mundo. (SOUZA, 2012)

³O grupo *Permanência* foi criado por Gustavo Corção (líder intelectual) e Julio Fleichman (líder jurídico) em agosto de 1968. Com o fim do Centro Dom Vital em 1964, após a contenda entre Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção, o grupo carioca tornou-se o centro aglutinador do tradicionalismo católico. O grupo lançou a revista com o mesmo nome, que passou a atacar a corrente progressista católica no Brasil e no mundo, além de apoiar o regime militar brasileiro (SOUZA, 2012).

Neste artigo, defende-se a ideia de que os intelectuais 4 brasileiros atuaram no circuito internacional integrista com um projeto definido e elaborado a partir de dois pontos principais: em defesa do regime militar no exterior, atuando como “mediadores”, e, na outra frente, como “apóstolos” do integrismo católico em defesa da sociedade ocidental cristã. Busca-se apresentar a atuação desses brasileiros apresentando a trajetória desses intelectuais, o contexto histórico (regime militar e a atuação da ala “progressista” católica no Brasil), o *Office International*, as redes de sociabilidades dos congressos que se realizavam em Lausanne e os discursos dos brasileiros no exterior.

2. A Militância católica de José Pedro Galvão de Souza e Gustavo Corção

2.1. José Pedro Galvão de Souza

O líder intelectual da revista *Hora Presente* José Pedro Galvão de Souza (1912-1992) nasceu em São Paulo e casou-se com Alexandra - mãe de seus três filhos, José Pedro, Miguel Fernando e João Batista 5. Escreveu 28 livros, além de numerosos artigos em jornais, revistas e publicações científicas, nacionais e estrangeiras, inúmeras conferências e comunicações em congressos e simpósios de Filosofia, Direito, Política e História no Brasil, Portugal, Espanha, Suíça, França, Itália, Argentina e Chile.

Lecionou na Faculdade Paulista de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento; na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Campinas;

4 Percebeu-se em Corção e Galvão de Souza o papel de “transmissores culturais”, também denominados intelectuais mediadores. Estes teriam a função de conduzir um código cultural para outro lugar, sem nada transformar criativamente. A História dos Intelectuais é um campo que procura compreender como os mediadores culturais processam determinados bens culturais e como esse código é percebido pelo público, que o reinterpreta a partir de sua vivência (GOMES e HANSEN, 2016).

5 Para mais informações, cf. www.fundacioneliasdetejada.org.

na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientiae” da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; na Faculdade de Direito da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Campus de Franca), na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero; na Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, e na Faculté Libre de Philosophie Comparée, de Paris.

Atuou em entidades culturais como a Academia Paulista de Direito, o Instituto dos Advogados, o Instituto de Direito Social, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a Sociedade de Língua Portuguesa, a Academia Brasileira de Ciências Morais e Políticas, e a Real Academia de Jurisprudencia y Legislación de Madrid.

Em relação a sua trajetória intelectual, Galvão de Souza esteve engajado às correntes intelectuais católicas que, a partir da década de 1920, formaram a *intelligentsia* restauradora, que, para mais ou para menos, seguiu a liderança do cardeal do Rio de Janeiro Dom Sebastião Leme. Ligado precocemente à docência e participando como um dos fundadores da *Ação Católica* em São Paulo na década de 1930, ele tomou certa distância do grupo de Leme, pois há poucos indícios de sua participação mais ativa na revista *A Ordem* e no centro *Dom Vital*.

Nos anos de 1950 lançou a revista *Reconquista*, revista bilíngue de cultura, sendo diretor no Brasil, juntamente com Francisco Elías de Tejada e Fernando de Aguiar. Em 1968, com um grupo de amigos, participou do lançamento da revista *Hora Presente*, de cujo Conselho Diretor foi Presidente. Nos anos de 1970, criou o Centro de Estudos de Direito Natural e promoveu as Jornadas Brasileiras de Direito Natural – correspondentes às Jornadas de Direito Natural iniciadas na Espanha por Francisco Elías de Tejada – e de grande repercussão nos meios jurídicos.

2.2. Gustavo Corção

O intelectual e jornalista Gustavo Corção (1896-1978), nascido no Rio de Janeiro, cursou o ensino público no colégio Dom Pedro II e engenharia na escola Politécnica, apesar de não concluir o curso. Foi professor da disciplina de eletrônica na escola Técnica do Exército, atual Instituto Militar de Engenharia. Converteu-se ao catolicismo depois de uma crise existencial causada pela morte de sua mulher, em 1936.

Suas obras compreendem 14 livros de destaques, sendo um deles um romance (*Lições do Abismo*), além de inúmeros artigos em jornais e revistas especializadas sobre diferentes assuntos, da crítica literária à vida de santos. Trabalhou nos dois principais veículos de informação do país: o jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, e *O Estado de São Paulo*, de São Paulo, escrevendo artigos referentes à situação política e religiosa pela qual passava o país. Assim, de acordo com Antoine (1980), Gustavo Corção criou a categoria de “crítico religioso”, pois seus artigos eram mais comentários teológicos e polêmicos da vida da Igreja do que crônicas relacionadas a fatos.

Sua trajetória na vida católica se iniciou a partir da década de 1940, no centro *Dom Vital*, escrevendo inúmeros artigos no órgão que representava a instituição, a revista *A Ordem*. Posteriormente, exerceu influência como assíduo colaborador da *Tribuna da Imprensa*, *Diário de Notícias*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Em 1963, deixou o centro *Dom Vital*, após algumas desavenças com Alceu Amoroso Lima, representante do catolicismo progressista, e passou a atuar contra este movimento por meio dos artigos escritos nos jornais em que colaborava.

Assim, em 1968, após o encerramento das atividades do centro *Dom Vital*, por meio da aprovação do arcebispo Dom Jaime Câmara, da cidade do Rio de Janeiro, ele decidiu fundar o grupo *Permanência*, tendo como colaborador principal o escritor e jornalista Julio Fleichman.

Gustavo Corção se destacou no grupo *Permanência* por seu catolicismo intransigente e por seu pessimismo diante da interferência do mundo moderno nos assuntos da Igreja. Ao combater a mentalidade pós-conciliar e a infiltração comunista no país confundia-se com a própria revista. Como afirmou o português Bigotti Chorão: “[...] não é possível medir a influência de Corção no grupo *Permanência*, que se concentra em torno de suas idéias.” (PERMANÊNCIA, 1970, p. 76). Nota-se a autoridade dele perante o grupo por meio da edição da revista *Permanência* que comemorou o seu 75º aniversário (Nov. de 1971), rendendo-lhe uma homenagem com depoimentos de intelectuais e escritores brasileiros, como Ariano Suassuna, Cassiano Ricardo, Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Nelson Rodrigues e Oswald de Andrade.

3. A “Revolução de 1964” e o “progressismo” brasileiro: contextualização da crítica dos intelectuais integristas nos congressos do Office International

É assim que o regime militar foi conceituado pelos intelectuais brasileiros Gustavo Corção e Galvão de Souza em seus pronunciamentos, como uma *Revolução*. É consenso entre a historiografia sobre o período militar o papel que os intelectuais, tanto na imprensa quanto na área econômica, tiveram na consolidação do projeto arquitetado entre militares e membros da elite brasileira. Contudo, reconhece-se todo o protagonismo dos militares na execução do regime, que deve ser interpretado a partir do seu aparato repressivo.

A espionagem e a polícia política já existiram em outros períodos da história, como na ditadura varguista. A novidade do regime de 1964 esteve na entrada das Forças Armadas, pois acreditavam que as polícias estaduais não reuniam condições para combater o “perigo comunista” e eram descentralizadas (GOMES, 2014). A chave da explicação dessa vitória encontra-se na prática institucionalizada da tortura exercida pelos órgãos de repressão montados durante o regime. Em síntese, a tortura passou a ser uma prática cotidiana em delegacias e quartéis.

Além da prática, o governo também negou a tortura, principalmente no exterior, com João Paulo dos Reis Velloso, ministro do planejamento, e Delfim Neto, ministro da fazenda, em suas viagens para Washington. Mas o ato de negar a tortura já era constante em alguns jornais da imprensa brasileira e no exterior, como fizeram os intelectuais em estudo nos congressos do *Office*. O discurso jornalístico da época transformou a tortura em matéria de opinião, associando o tema com o suposto “complô” internacional contra o governo, arquitetado pelos comunistas no plano internacional.

No último relatório da *Comissão Nacional da Verdade (CNV)* 6, foram contabilizadas 434 vítimas fatais em decorrência da violação dos direitos humanos contra presos políticos durante o regime militar. Recorrer aos números é uma prática comum para se poder dimensionar um dano ocorrido a certos membros/grupos de uma sociedade, sendo negligenciada por parte do Estado e seus governantes. Mas, as estatísticas levam à relativização das práticas em si, que são cruéis e surtem efeitos negativos na vida dos familiares dessas vítimas, e essa dor não se quantifica.

6 <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php>. Acessado no dia 28 de dezembro de 2018.

Em comparação com outros países da América Latina que foram comandados por militares, o período no Brasil é denominado por alguns estudiosos como “Ditabranda” (NAPOLITANO, 2017). Mas há um detalhe: um dos assuntos políticos que mais foi defendido nos stands dos congressos em *Lausanne* diz respeito à “questão indígena” no Brasil. Esse caso também ficou conhecido na imprensa internacional como o grande “genocídio brasileiro”. De acordo com a entrevista dada por Marcelo Zelic, defensor dos direitos indígenas e membro da CNV sobre a questão indígena, estima-se a morte de mais de 100 mil indígenas durante a ditadura militar⁷.

Destacam-se três acontecimentos que marcaram a história dessas populações indígenas e que se caracterizam pela crueldade no tratamento com esses grupos durante o regime militar no país. Em 25 de setembro de 1969, foi criada a Guarda Rural Indígena (GRIN)⁸, com a intenção de acabar com os conflitos por disputa de terras entre índios e fazendeiros no norte de Minas, onde havia trabalho escravo indígena. Outra “experiência” marcada pela violência foi a construção do “reformatório” indígena Krenak⁹, em Resplendor (MG). Na verdade era uma prisão, com a intenção de vigiar e punir os índios revoltosos da Fazenda Guarani. O reformatório foi considerado um verdadeiro campo de concentração pelos estudiosos.

O maior genocídio cometido pela ditadura militar contra as populações indígenas no Brasil aconteceu com a construção da Transamazônica, que não levou em conta regiões em que diversas etnias viviam antes de a rota ser traçada pelos seus construtores. Foram de seis mil a oito mil índios atingidos nesse projeto. A maioria desses grupos, como os Juruna, os Krenakarore, os Asurini, os Parakanã, os Rikbaktsa, os Suruí, os Karajá e os Kayabi, nunca haviam tido contado com a “civilização” branca, sendo dizimados por doenças e falta de planejamento. (VALENTE, 2017) Contudo, apesar dessa barbárie cometida contra essas populações autóctones, a Igreja Católica atuou pela emancipação desses povos durante a década de 1970. A ala progressista da Igreja, principalmente os representantes do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), iniciou suas missões a partir das novas diretrizes do Vaticano II. Na Convenção de Barbados (1971), a Igreja adotou a postura de não mais fazer parte de um projeto colonizador, conscientizando os indígenas sobre sua história e seus direitos. Foram os religiosos do CIMI, representados por Dom Pedro Casaldáliga, Dom Tomas Balduino e padre Burnier, as figuras mais criticadas por Corção e Galvão de Souza.

Quanto ao “progressismo” católico brasileiro, apesar de ser considerado pelos intelectuais que analisamos como uma “continuidade” do complô comunista internacional e do pensamento moderno, ele possui suas nuances. Os principais teólogos dessa corrente utilizavam-se dos referenciais teóricos do pensamento marxista para compreenderem a realidade do subdesenvolvimento provocado na América Latina pelo capitalismo e agirem em favor dos marginalizados. Contudo, isso não significava que esses teóricos progressistas fizessem parte de grupos comunistas.

7 Para acessar a entrevista: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2017v22n2p347>.

8 A GRIN pretendia treinar índios com o objetivo de “defender” aldeamentos e impedir que outros índios entrassem em conflito com os fazendeiros da região. A guarda foi treinada no Batalhão da Escola da Polícia Militar de Belo Horizonte, recebendo noções de instrução militar, policial e especializada, de educação moral e cívica, de equitação, de ataque e defesa, e de armamento e tiro. Em 2012 surgiu a evidência de que os índios recebiam aulas de tortura física. O documentarista Jescovon Puttkamer, em 5 fevereiro de 1970, filmou índios da GRIN carregando, durante uma parada militar, um índio pendurado em um pau de arara. O desfile contou com a presença do ministro José Costa Cavalcanti e do presidente da FUNAI Queirós Campos, que concebeu a GRIN. (VALENTE, 2017)

9 O Krenak se localizava na área do posto indígena Guido Marlière, às margens do rio Doce, em Resplendor (MG), baseado na resolução n. 5484 de 1928, que previa o recolhimento dos índios a colônias por no máximo cinco anos. Documentos trazidos à tona em 2013 confirmaram que os índios eram presos acusados de bebedeira, na maioria dos casos, e pelo menos um caso de “vício de pederastia e furtos”. Assim como a GRIN, a experiência da prisão Krenak não durou muito. (VALENTE, 2017)

O discurso antiprogressista elaborado pelos intelectuais Corção e Galvão de Souza apresenta, em um primeiro momento, como uma categoria fixa que enquadra todos os bispos que atuavam em prol das causas sociais durante o regime ditatorial como “comunistas” ou “agentes infiltrados” da “subversão internacional”. Não existe meio termo, ou gradações de ideias, multiplicidade de opiniões. Ou se está do lado da Igreja tradicional, ou se é progressista. Todavia, essa dualidade não correspondeu com a postura dos clérigos brasileiros, os quais foram tachados de progressistas pelos dois intelectuais. Dom Hélder Câmara, Dom Aloisio Lorscheider, Dom Ivo Lorscheiter, Dom Pedro Casaldáliga e Dom Paulo Evaristo Arns, não apresentaram em suas trajetórias de vida e militância católica posturas exclusivamente progressistas.

Na década de 1930, por exemplo, Dom Helder Câmara se aproximou do movimento integralista de Plínio Salgado. Dom Casaldáliga era franquista na Espanha e, ao entrar em contato com a pobreza da população brasileira, deixou de lado o combate ao comunismo. Durante as reuniões da Bipartite¹⁰, Dom Aloisio Lorscheider e Dom Paulo Evaristo Arns se posicionaram contrários à legalização do divórcio, e assim por diante. Dessa forma, o termo progressismo não é uma categoria rígida:

O que se percebe é que a utilização de categorias estáticas nas explicações históricas se, inicialmente, facilitam as análises, acabam por simplificar sobremaneira as realidades passadas. Esse é o caso das noções prefiguradas de “bispo progressista” ou “Igreja progressista” [...] O que se propõe [...] é a necessidade de se matizar o chamado progressismo dos bispos, não simplesmente encaixando-os em uma categoria estática que não apreende o dinamismo social e as trajetórias particulares de cada um deles. É preciso lembrar, mais uma vez, que esses religiosos agiram de maneiras distintas diante dos militares, e seus posicionamentos variavam muito, quer em relação à maneira de se opor à repressão, quer quanto à visão que tinham sobre a possibilidade de diálogo com os governantes (GOMES, 2014, p. 37).

Uma das instituições da Igreja católica no Brasil que sofreu grandes críticas por parte dos intelectuais em análise foi a *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* (CNBB). Até o período em que contou com a participação de D. Hélder Câmara na secretaria geral, a CNBB foi formada por clérigos e leigos engajados no movimento de mudança social no país. Junto com o Estado, organizou encontros e conferências que resultaram em vários projetos de cunho social, como o Movimento de Educação e Base (MEB), umas das pautas de crítica de Corção na palestra proferida no *Office*.

Com o golpe instalado em abril de 1964, as posições dentro da Igreja se acirraram. Nesse ano, durante o Concílio Vaticano II, realizou-se a eleição dos cargos da CNBB na cidade de Roma. Foi a primeira vez, desde a fundação da Conferência em 1952 no Brasil, que todos os bispos brasileiros se encontraram e criaram vínculos de amizade. O próprio Dom Helder reconheceu que sua derrota no cargo mais importante da CNBB (secretário-geral), vencida pelo bispo José Gonçalves Costa, foi em virtude de sua posição mais progressista e instalação do regime (BEOZZO, 2005).

Após a saída do arcebispo de Olinda e Recife, a CNBB adotou uma postura conciliatória em relação à ditadura. A luta interna dentro da Conferência continuou após a saída de Dom Helder, mas o resultado dos debates resultou no apoio de alguns atos do regime, como o AI-05, por exemplo. Contudo, quando começaram a chegar aos ouvidos dos bispos “progressistas” os primeiros casos de torturas, estes se posicionaram contra. Em 1969, a CNBB divulgou um documento repudiando a violação da integridade física que sofriam os presos políticos. Mais tarde, durante a XI Assembleia Geral de 1970, ela reiterou abertamente seu posicionamento contrário às ações praticadas pela polícia política.

10 A Comissão Bipartite foram reuniões marcadas entre os principais representantes da hierarquia militar, comandada pelo general reformado Antonio Carlos da Silva Muricy com membros da hierarquia eclesiástica do Brasil, entre eles os primos Lorscheider e dom Paulo Evaristo Arns. O objetivo foi a reconciliação entre a instituição religiosa e o governo. Ao todo, foram 24 encontros durante o governo Médice e os primeiros meses do governo Geisel (ROMANO, 1979; SERBIN, 2001).

Tornando-se umas das maiores opositoras do regime militar, a instituição católica foi alvo das críticas de Corção e Galvão de Souza no exterior.

Esses acontecimentos históricos trazidos à luz marcaram os discursos dos intelectuais em estudo, que atravessavam o Atlântico em busca de interpretações e explicações para as novas questões surgidas no cenário nacional em transformação. Esses discursos revelaram a crise de identidade pela qual passavam os grupos integristas católicos no Brasil. Os clérigos progressistas foram acusados de implantar a subversão internacional dentro da Igreja. Essa visão sobre o progressismo católico originou versões sobre os fatos que culminaram na construção de uma memória histórica pelos intelectuais em análise sobre o regime militar no exterior, vitorioso ao derrubar o “perigo vermelho” e denunciado pelas forças e agências comunistas internacionais.

4. Apresentação do Office International

Jean Ousset (1914-1994), de origem camponesa, foi fundador da *Cité Catholique* (1947) e do *Office International des Oeuvres de Formation Civique et d'Action Culturelle selon le Droit Naturel et Chrétien* (1963). O grupo foi um dos importantes líderes da direita nacionalista católica francesa durante a década de 1950, junto com *Itinéraires* (Paris, 1956-1996), *L'Homme Nouveau* (Paris, 1946-até hoje) e *La Pensée Catholique* (Paris, 1946-1956). Esses grupos foram fundamentais para a corrente integrista brasileira, que absorveu abundantemente da vertente francesa:

Nas obras de Plínio Correa de Oliveira e de Gustavo Corção, como na imprensa integrista em seu conjunto, o pensamento contrarrevolucionário francês é abundantemente mobilizado, de Louis de Bonald a Charles Maurras passando por Joseph de Maistre e o abade Barruel. O mesmo nome do grupo fundado por Corção remete à revista francesa *Permanences*, órgão do Office International des Oeuvres de Formation Civique et d'Action Culturelle selon le droit naturel et chrétien que foi criado em 1963 por Jean Ousset no prolongamento da *Cité Catholique*, que conheceu certo sucesso na América do Sul¹¹.

Em 1939, Jean Ousset elaborou um projeto de ação cristã voltado para os laicos, mas a II Guerra Mundial o impediu de continuar sua obra. Após o conflito, trabalhou na *Jeune Légion* como chefe da Oficina de Estudos, contato frutífero que o inspirou na criação de seu futuro projeto. Com seu amigo Jean Masson, em 1946, passou a projetar a obra deixada de lado por causa do conflito e criou o *Centre d'Etudes Critiques et de Synthèse*, que depois se chamou *La Cité Catholique* (1947). O objetivo era promover ações políticas guiadas pela doutrina social da Igreja, com a iniciativa exclusiva do laicato católico. Seu desenvolvimento ocorreu entre os anos de 1950 e 1960, sofrendo o impacto crescente da oposição por meio da imprensa católica progressista do país. Esse conflito levou Jean Ousset a modificar a estrutura de funcionamento de sua organização para evitar o seu desaparecimento, pretendendo transformar o movimento a partir da realização de ações sociais de caráter mais auxiliar (NEIVILLE, 1998).

11 Tradução livre do autor. No original: «Dans les oeuvres de Plinio Corrêa de Oliveira et de Gustavo Corção comme dans la presse intégriste dans son ensemble, la pensée contre-révolutionnaire française est abondamment mobilisée de Louis de Bonald à Charles Maurras en passant par Joseph de Maistre et l'abbé Barruel. Le nom même du groupe fondé par Corção renvoie à la revue française *Permanences*, organe de l'office international des oeuvres de formation civique et d'action doctrinale selon le droit naturel et chrétien qui a été créé en 1963 par Jean Ousset dans le prolongement de la *Cité Catholique* et connaissait un succès certain en Amérique du Sud». (COMPAGNON, 2008, p. 15).

Em 1963, *La Cité Catholique* tornou-se *Office International des Oeuvres de Formation Civique et d'Action Doctrinale*, sendo renomeada em 1967 por *Office International des Oeuvres de Formation Civique et d'Action Culturelle selon le Droit Naturel et Chrétien*. A ação dessa organização seria projetada por meio das seguintes características: capilaridade, permanência e agilidade. Assim, o *Office* foi concebido a partir da participação da “elite natural”, que facilitaria a difusão do pensamento em todas as ações da diversidade humana. Cada rede agiria sem controlar a outra, interligando-se como o resultado de uma unidade doutrinal e de um mesmo estilo. O *Office International* era formado por uma série de redes familiares, escolares e profissionais, sendo consideradas organizações satélites:

Diferente da Ação Católica, o *Office International* constituiu-se com o objetivo de promover a criação de organizações apropriadas à ação social dos católicos, isto é, organizações inspiradas, animadas e guiadas por uma elite de leigos integralmente fundamentados na doutrina social da Igreja. Ela possui três requisitos: lealdade ao Papa e à hierarquia, aceitação da doutrina social da Igreja, oposição efetivamente ativa ao moderno totalitarismo e à Revolução, capacidade de promover ação efetiva numa base de diversidade, de subsidiariedade e completariedade de esforço, excluindo todas as tendências no sentido de formar um movimento de massa unitário e rígido. O *Office International* e o seu complexo de grupos filiados ou associados não é um corpo fortemente estruturado. As associações filiadas ao *Office* conservam assim sua independência. Estas são variadas, indo desde os clássicos grupos de estudo e ação, até sindicatos, e grupos de estudantes, agricultores e professores, associações de pais e organizações de cultura e de jovens. Foi fundada depois da 2ª Guerra Mundial por Jean Ousset e seus congressos ocorrem em Lausanne. (PERMANÊNCIA, 1972, p. 68-69)

Quanto aos seus congressos, eles se iniciaram em 1964 com a primeira reunião em Sion (Suíça) e, nos outros anos, em Lausanne (também Suíça), no palácio de Beaulieu. Suas atividades se repartiam entre missas e serviços, comunicações (com palestras dos diversos representantes do integrismo internacional) e fóruns e stands (onde os grupos convidados apresentavam os métodos de ação de suas organizações e trocavam informações sobre seus respectivos países).

De cada reunião foram publicadas os I, fonte dessa pesquisa histórica. Os congressos reuniram uma grande quantidade de grupos integristas do mundo todo, o maior evento internacional com as elites nacionais do tradicionalismo católico, maioria laica, contando com a participação de alguns clérigos. Com o tempo, os encontros em Lausanne se tornaram onerosos para o *Office International*, que passou a gastar muita energia dos grupos satélites, sendo esses o objeto de atenção maior do trabalho e que não poderiam ficar enfraquecidos. Outras preocupações do intelectual francês se juntaram com a ideia de encerrar as atividades do *Office*, como o progressismo católico e sua guinada à esquerda, além das novas formas de liturgia. Jean Ousset encerrou as atividades do *Office International* em 1977.

Em 1981, com uma equipe de jovens discípulos agrupados em torno de Jacques Trémolet de Villers, o líder do *Office* retomou os conjuntos das experiências de Lausanne e fundou com seus discípulos o *Centre de formation à l'action civique et culturelle selon le droit naturel et chrétien* (ICTUS), continuando a publicação da revista *Permanences*. Dedicando-se mais ao lançamento de livros, gradativamente afastou-se das atividades jornalísticas, falecendo em 1994, após um derrame cerebral.

5. Os Intelectuais e as redes de sociabilidades em torno dos Congressos de Lausanne

Os congressos do *Office International* formaram uma espécie de campo de “forças”, concentrando várias redes integradas por grupos do tradicionalismo católico de várias partes do mundo, trocando informações e experiências sobre acontecimentos internacionais e nacionais referentes ao progressismo católico e a “subversão mundial comunista”.

EM DEFESA DE UM PROJETO POLÍTICO E RELIGIOSO: INTELLECTUAIS CATÓLICOS BRASILEIROS NOS CONGRESSOS DO OFFICE INTERNATIONAL

GLAUCO COSTA DE SOUZA

O *Office* aglutinou em seus eventos diferentes movimentos do integrismo internacional e membros da direita-nacionalista de cada país. O quadro abaixo apresenta os principais conferencistas dos congressos em que houve a participação do integrismo brasileiro e oferece uma dimensão dessa variedade de nacionalidades, essa mistura que ocorria nas primaveras europeias na cidade de Lausanne.

Outras nações participavam do evento, o que daria uma dimensão total desse “campo de forças” do integrismo católico romano. Mas como a intenção é pesquisar a participação brasileira, os intelectuais presentes nesse quadro ouviram e conversaram com os representantes brasileiros nos congressos sobre o que se passava no Brasil.

Intelectuais que se apresentaram nos Congressos do <i>Office International</i> e suas nacionalidades				
Conferencistas	5 ^{ème} Congrès de Lausanne Culture et Revolution (5, 6, 7/04 de 1969)	7 ^{ème} Congrès de Lausanne Force et Violence (29,30/04, 01/05 de 1972)	8 ^{ème} Congrès de Lausanne L'Éducation des Hommes (13,14,15/04 de 1973)	9 ^{ème} Congrès de Lausanne Pluralisme et Unité (13, 14, 15/04 de 1974)
Albert Vonlanthen - Suíça		Présidence		
Albert Walsh - EUA			Présidence	
Amédée d'Andigné - França	Allocution d'ouverture du Congrès	Allocution d'ouverture du Congrès	Allocution d'ouverture du Congrès	Allocution d'ouverture du Congrès
André Petitjean - Bélgica	Communication : Civiliser la culture et cultiver la civilisation			
André Récipon - França	Allocution			
Antonlo da Cruz Rodrigues - Portugal	Présidence		Présidence	
Arnud de Lassus - Francês				La <i>Revolution</i> , a avait la Unité
Bertrand Mc Donall - Australia	Présidence			
Cardinal Ottaviani - Itália		Lettre		
Carlos Sacherl - Argentina	Civilisation et cultures			
Dietrich Von Hildebrand - Alemanha			Présidence	
Etienne Malnoux - Francês	Communication : Techniques d'animation culturelle et conditionnement révolutionnaire			
François Gousseau - Francês	Exposé : Culture, compétence, éducation à l'action de groupe			
François-Albert Angers - Canadá	Présidence			
François Saint-Pierre - França	La Révolution ou la culture par l'économie			

EM DEFESA DE UM PROJETO POLÍTICO E RELIGIOSO: INTELLECTUAIS CATÓLICOS BRASILEIROS NOS CONGRESSOS DO OFFICE INTERNATIONAL

GLAUCO COSTA DE SOUZA

Friedrich den Ottolander - Holanda.	Présidence			
General Lane - EUA			Présidence	
Gilbert Zoppi - França			La Famille, les écoles, les universités	
Gustave Thibon - França	Communication : Les valeurs permanentes de la culture	La Violence au service de la liberté	Education et Civilisation	
Gustavo Corção - Brasil			Présidence	
Hamish Fraser - Grã-Bretanha				Présidence
Ignacio Gutierrez Laso - Espanha		Force et paix intérieure des nations	L'Eglise, mère et éducatrice des peuples	
Ivone Flour - Luxemburgo				Le proposite d'une de les aspects de la réalité française atuelle.
Jacques Trémolet de Villers - França			L'éducation révolutionnaire	
Jean-Claude Yannec - França	Sciences et humanisme			
Jean de Viguerie - França		Origines et développement des terrens révolutionnaires		
Jean Madiran - França	Présidence			
Jean Ousset - França	Communication : Notre Action Culturelle	Forces de l'action politique	Les arguments de notre espoir	
Jean Beaucondray - França	Révolution et culture syndicale.			La necessite de action contre la Revolution.
Jean-Marie Scmitz - França		La Guerre Moderne		
Jean Royer - França		Compte rendu du Forum		
Jedrzej Gliertych - Polónia		Présidence		
Jehan de Saint-Chamas - França	Exposé : L'initiative privée, principe de civilisation et cible pour la Révolution			
Jérôme Lejeune - França			Histoire naturelle des hommes	
José L. Ezquerro de la Colina - México			Présidence	
José Pedro Galvão de Souza - Brasil		Vers un groupement de forces contre la subversion universelle		
Louis Daujarques - França	Les itinéraires de la révolution			La Unité au service du totalité
Louis Salleron - França		Présidence		
Luc Baresta - França	Présidence			
Marcel Clément - França	Communication: Les trois Révolutions.		Les finalités de l'éducation.	La naturaliza humaine n'est pas pluraliste.
Marcel de Corte - Bélgica		La Vertu de force contre la violence révolutionnaire		
Michel de Saint-Pierre - França				
Michel Creuzet - França	Exposé: Culture, pédagogie, enseignement			
Michel Gross - Suíça		Présidence		

EM DEFESA DE UM PROJETO POLÍTICO E RELIGIOSO: INTELLECTUAIS CATÓLICOS BRASILEIROS NOS CONGRESSOS DO OFFICE INTERNATIONAL

GLAUCO COSTA DE SOUZA

Michel Pententenyo - França	<i>Le droit social catholique. Est-il principe de sclérose ?</i>		<i>La formation des hommes par les métiers et les professions</i>	<i>La Revolution Mundial et la Contre-Revolution</i>
Michel Uldry - Suíça			<i>Présidence</i>	
Raoul Follereau - França	<i>Présidence : L'apôtre des Lépreux.</i>			
Raoul Pignat - Suíça	<i>Présidence</i>			
Victor J. Kulenday - Índia		<i>Présidence</i>		

Fonte: Atas dos Congressos do Office International.

A corrente integrista francesa se destacou nesse levantamento e os principais representantes dos grupos da direita nacionalista que participaram do evento foram Jean Madiran (revista *Itinéraires*), Louis Salleron (revista *La Pensée Catholique*), Marcel Clément (revista *L'Homme Nouveau*), Jean Fabrègues (revista *France Catholique*), Jean-Louis Vidal (*Centre Saint-Exupéry*) e Gustave Thibon (revista *La Nation Française*). Incluem-se nessa lista os franceses membros do *Office International*, como o Conde Amédée d'Andigné (delegado geral), Bernard Couchepin (delegado internacional) e Jean Ousset (presidente).

Apresentaram suas falas nos Congressos do Office 35 franceses, como Etienne Malnoux, Henri Rambaud, Luc Baresta e Michel de Saint-Pierre, escritores da revista *Itinéraires*. O restante eram chefes de outros grupos da direita católica francesa com atuações mais sociais e assistencialistas, como François Saint-Pierre, secretário geral do Movimento de ajuda à habitação e administrador de alocações familiares da região de Paris, e André Récipion e Raoul-Follereau, fundadores da *Fondation Raoul-Follereau* de assistência médica às pessoas carentes. Existiu a participação de professores universitários franceses como Jérôme Lejeune.

Outro país que se destacou foi a Suíça, sede do evento. Foram cinco nomes, entre eles: Albert Vonlanthen, Michel Uldry (engenheiro da E.P.F. e licenciado em Ciências Econômicas), Roger Lovey (fundador do grupo *Renouveau Rhodanieu*), Raoul Pignat e Michel Gross.

Em terceiro lugar, a Espanha com três escritores: Eugenio Vegas-Latapie, presidente da Ciudad Católica e fundador da revista *Verbo* (Madri, 1962-até hoje), Ignacio Gutierrez Laso, delegado da *Faculdade de Ciências Econômicas e Políticas de Madri*, e Juan Vallet de Goytisolo, membro da Academia Real de Direito e de Jurisprudência. Os representantes do integrismo espanhol, como Eugenio Vegas-Latapie, Francisco Elias Tejada, Julio Meinvielle e Dom Bernardo de Monsegú, publicaram vários artigos na revista brasileira *Hora Presente* (SP, 1968-1977). Seu líder intelectual, José Pedro Galvão de Souza, publicou alguns artigos nas revistas integristas espanholas e argentinas (SOUZA, 2012).

Empatados em quarto lugar estão: Brasil, com Gustavo Corção e José Pedro Galvão de Souza; Bélgica, com André Petitjean (engenheiro civil e professor do Institut des Arts et Métiers de Virton) e Marcel de Corte (professor da Universidade de Liège e escritor da revista *Itinéraires*); Grã-Bretanha, com Hamish Fraser (diretor da revista *Approaches*) e Geoffrey Lawman; Estados Unidos, com Albert Walsh e o General Lane; Argentina, com Carlos Sacheri (delegado da Ciudad Católica) e Juan Carlos Goyeneche (professor da Universidad de La Plata). Em quinto lugar: Portugal, com Antonio da Cruz Rodriguez (diretor da revista *Verbo*); Austrália, com Bertrand Mc Donall (presidente da *Légion Merry del Val*); Holanda, com Friedrich Den Ottolander (secretário da Associação Geral

Holandesa de Filosofia); Polônia, com Jędrzej Giertych (historiador); México com José L. Ezquerro de la Colina; Cardeal Ottaviani (Secretário do Santo Ofício); Alemanha com Dietrich von Hildebrand; Canadá com François-Albert Angers Luxemburgo e Ivone Flour; por fim, a Índia com Victor J. Kulenday (diretor do jornal "Orbit").

6. O Brasil em Lausanne: em defesa do projeto político e religioso

O grupo Permanência iniciou sua participação nos Congressos de Lausanne em 1970. Entretanto, a maior comitiva brasileira formada para participar dos eventos aconteceu em 1972, cujo tema foi Force et Violence. Nesse Congresso foram 3.500 inscritos com 20 países representantes. Quanto aos stands, foram 48 montados, e o Brasil participou do stand n. 9 (com participação do grupo Hora Presente). Foram expostas no espaço fotografias, mapas, dados estatísticos, publicações brasileiras, e distribuíram dois prospectos de autoria de Gustavo Corção. A partir desse momento, seu trabalho ficou conhecido fora do Brasil, além de ter sido convidado a palestrar no evento do próximo ano em Lausanne. Sobre a atuação do Brasil nesse espaço de "capilaridade", o grupo Permanência destacou os seguintes assuntos:

É nos stands, cuja área 3x5 é arrumada com mesas e cadeiras, que se efetuam os encontros, as conversas, as trocas de ponto de vista, de informação, de experiências e que se estabelecem os laços e as redes de "ação capilar" que é o método escolhido pelo Office para interligar todos os combatentes da subversão que ameaça destruir a Civilização e a Igreja. O interesse despertado por nosso stand foi enorme. Permanecíamos a maior parte do tempo no stand para atender aos visitantes que indagavam mil coisas sobre o Brasil:

desde as propaladas torturas, genocídios de índios, Transamazônica, clima, raças, até as glórias do nosso Pelé, e os lisonjeiros índices econômicos. Indagaram também pormenores sobre a organização política atual, a vida em São Paulo, no Rio e em Brasília, as realizações industriais e hidroelétricas, em tudo isso demonstrando o mais cordial interesse por nosso Brasil. [...] De tudo o que mostramos o que causou mais profunda impressão foi o conjunto de fotografias da "Marcha da Família com Deus pela Liberdade". (PERMENÊNCIA, 1972, p. 4)

No congresso de 1972, o professor José Pedro Galvão de Souza palestrou a comunicação: *Vers un groupement de forces contre la subversion universelle*. Em seu discurso, o intelectual paulista se preocupou em apresentar o agrupamento de forças que levou à "subversão universal". Citou o caso do Brasil no início, apresentando o papel da *Marcha da Família* e das forças militares que acabaram com a "subversão" do governo João Goulart e com os grupos comunistas armados no Brasil. Mais uma vez, a violência por parte do governo foi justificada: "As Forças Armadas, respondendo ao chamado do povo – eu quero dizer da sociedade orgânica e não a das massas – recorreram à violência para preservar a ordem legítima"¹². Ao longo do texto, ele apresentou as táticas da subversão moderna, que aliciariam jovens por meio das drogas, do erotismo e de outras táticas. No final, salientou a importância do Office por conseguir alcançar as pessoas pelo seu trabalho de atuação na sociedade civil. Assim, os editores da *Hora Presente* mostraram uma visão geral do que foi a participação brasileira:

O Brasil ocupou posição de destaque no Congresso. Compunha-se a delegação brasileira de nove representantes, era a maior do Novo Mundo. No terceiro dia, depois da conferência do prof. Galvão de Souza, o stand brasileiro foi o centro da atração, não havendo tempo para atender a todos os numerosíssimos congressistas que o procuravam e ali solicitavam informações

¹² Tradução livre do autor. No original: «[...] Les Forces Armées, répondant à l'appel du peuple – je veux dire de la société organique et non de celle des masses – recoururent à la violence pour préserver l'ordre légitime». Actes du 7^e Congrès de Lausanne (abr./maio de 1972, p. 134).

EM DEFESA DE UM PROJETO POLÍTICO E RELIGIOSO: INTELLECTUAIS CATÓLICOS BRASILEIROS NOS CONGRESSOS DO OFFICE INTERNATIONAL

GLAUCO COSTA DE SOUZA

Em sua comunicação, o conferencista brasileiro referiu-se ao movimento de Março de 1964, dando a conhecer a verdade sobre o Brasil, e desfazendo a falsa imagem que do nosso país se tem propagado pela Europa, por insuflação das forças da revolução Mundial. Ovacionadíssimas as suas palavras, pela assistência compacta, aplaudindo demoradamente. [...] Um grupo de jovens estudantes franceses representavam as Faculdades livres de Paris: Faculté de Philosophie Comparée e Faculté de Droit et de Sciences Économiques. Na primeira destas, professor José Pedro Galvão de Souza proferiu também uma conferência, a pedido dos estudantes, expondo-lhes a situação real do Brasil em dissertação subordinada ao tema: Autorité et Liberté a partir de l'expérience brésilienne. Sua passagem por Paris precedeu ao Congresso, e depois deste foram também à capital francesa, entrando em contato com os dirigentes do Office e com o Club du Livre Civique. As representantes de Permanência, do Rio de Janeiro, que estavam em Lausanne: senhoras D. Helena Rodrigues e Maria da Graça Pierotti. (HORA PRESENTE, 1972, p. 228)

No Congresso de Lausanne de 1973, cujo tema foi La Education de L'Hommes, Gustavo Corção palestrou para um grupo de 3.880 congressistas, representantes de 24 países, que compareceram na alocação de abertura do evento. Logo após a fala do Conde Amédée d'Andigne, o intelectual brasileiro se pronunciou e tornou-se, a partir de então, uma figura notória no evento por suas palavras e por representar o Brasil. Quanto à parte dos stands foram montadas 50 exposições. Ao lado do Brasil ficaram os grupos Una Voce (México), Vector (Portugal), Speiro (Espanha) e Action Culturelle dans les Pays Hispaniques. Infelizmente, não há informações sobre as exposições brasileiras nesse evento, pois nada foi publicado nas revistas brasileiras e, nas atas dos congressos, apenas foram citados os grupos que participaram dos stands. Dessa maneira, o discurso de Corção, única fonte sobre o evento, versou sobre o tema da educação. De início, agradeceu pela honra daquela presidência e que, apesar da idade: “[...] Eu me gabo de ter trabalhado, de ter lutado com aqueles que, em 1964, derrotaram os comunistas que já se apegavam ao poder”.¹³

Após refletir sobre o ato de educar, Corção lastimou que no Brasil a educação encontrava-se na mão de muitos católicos e laicos progressistas, apoiados pela CNBB. Quanto ao marxismo, afirmou que os operários brasileiros, apesar de terem se “iludido” com o comunismo, ainda “caminhavam” junto ao paternalismo do Estado. Assim, o marxismo não se encontrava com os trabalhadores, mas nas mãos do progressismo católico e nas suas ações educadoras. Finalizou a palestra com os seguintes dizeres: “Hoje o Brasil é um baluarte contra a Revolução. Mas infelizmente está rodeado de países onde o 'progressismo' está a serviço da 'libertação' que é, acredite ou não, o pseudônimo do marxismo”¹⁴.

A última participação de brasileiros no Office foi em 1974, cujo tema foi *Pluralisme et Unité*. Foram quatro membros convidados pelo evento: as senhoras Helena Rodriguez e Maria Helena Fraga do grupo *Permanência*, a senhora Eudoxia Ribeiro Dantas (vice-presidente da CAMDE)¹⁵ e o professor da Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (SEPES) Elias Jorge Tambur. Como convidado especial, para presidir uma das sessões plenárias, veio o professor Hélio Fraga, reitor da Universidade do Rio de Janeiro e escritor da revista *Permanência*. Não há informações sobre a quantidade de participantes desses eventos e nem quantos stands foram expostos, mas o Brasil organizou sua tenda para apresentar a comemoração dos 10 anos da “Revolução de 1964”, com fotos da grande *Marcha da Família* e várias bandeiras brasileiras no espaço montado para revelar o patriotismo brasileiro:

14 Tradução livre do autor. No original: «Aujourd'hui le Brésil est un rempart contre la Revolution. Mais malheureusement il est environné de pays où le 'progressisme' est au service de la 'libération' qui est, believe it or not, le pseudonyme du marxisme». Actes du 8 Congrès de Lausanne. (abr. 1973, p. 26).

15 A Campanha da Mulher pela Democracia foi um movimento preparado e financiado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES). A função do CAMDE era mobilizar mulheres que seguiam a ideologia do tradicionalismo católico, as chamadas candocas. A CAMDE tornou possível a preparação das mulheres para as marchas e manifestações de rua contra o governo de Jango.

13 Tradução livre do autor. No original: «[...] je me vante d'avoir travaillé, d'avoir lutté avec ceux qui, en 1964, ont vaincu les communistes déjà cramponnés au pouvoir». Actes du 8 Congrès de Lausanne. (abr. 1973, p. 23).

Na parede central, em mapas diversos, dados e estatísticas indicavam o gradativo desenvolvimento do país, a Transamazônica, a Perimetral Norte em andamento, riquezas naturais, usinas hidroelétricas etc., tendo a bandeira brasileira colocada bem no centro a unir todas as atividades no sentimento da pátria, completado o painel com aspectos de Brasília, São Paulo e vistas de outras cidades brasileiras, além da farta documentação cedida pela FUNAI mostrando aos estrangeiros mal informados o tratamento dado aos índios brasileiros. Na parede da esquerda encontramos, finalmente, “Nos traditions” isto é, além das belezas naturais as criadas pelo homem brasileiro, o barroco do Aleijadinho e de algumas cidades mineiras, assim como as danças tradicionais do nordeste e o verdadeiro “ballet” carnavalesco do nosso povo. Foi enorme a curiosidade em torno da documentação apresentada e obtida, aqui no Brasil, junto às seguintes entidades: IBGE, Amaral Neto Repórter, DNER, EMBRATUR, BNH e VARIG. (PERMANÊNCIA, 1974, p. 61)

Sobre a participação brasileira, dois trabalhos impressos em francês foram postos à disposição dos congressistas. O primeiro é uma resposta do ministro Mem de Sá ao senador Edward Kennedy, na qual o ministro negou as difamações sobre o extermínio de indígenas, torturas e a formação dos Esquadrões da Morte. O outro foi um trabalho de Maria Helena Alves Pinto sobre a atitude da mulher nos dias de hoje. De regresso, passaram por Paris e Londres onde projetaram dois dispositivos sobre a Amazônia, encerrando suas atividades no exterior.

7. Conclusão

A trajetória internacional dos nossos personagens e o projeto de poder que foi propagado pelos intelectuais católicos nos *Congressos de Lausanne*, com toda clareza, preconizavam a construção de uma imagem positiva do Brasil. Grandes representantes da imprensa católica e laica internacional circulavam nas exposições e “se admiraram” com as notícias vindas do Brasil. Informações de um país “abençoado” por ter um governo autoritário e salvador da “Subversão Mundial”, mas que sofria com a Igreja “corrompida” por membros que se entregaram ao modernismo e sua “maior aberração”: o comunismo.

Além dos grupos que foram agraciados no final do último enxerto, existiram dois relatórios dos *Congressos de Lausanne* que foram escritos por Julio Fleischman e remetidos ao presidente Ernesto Geisel e ao ministro general Golbery 16. São documentos que permitem afirmar que o objetivo central do grupo foi a defesa do regime, como as violações aos direitos humanos de grupos civis e etnias indígenas. A FUNAI (órgão do governo), instituição citada no enxerto acima, não mandaria relatórios que incriminassem o governo. Sobre a visita da Cruz Vermelha em 1973 no Brasil para averiguar as denúncias sobre massacres indígenas, a estadia foi toda acompanhada pelos militares nas áreas da FUNAI “pacificadas” havia anos. (VALENTE, 2017)

Porém, existe um detalhe que foi muito valorizado pelos intelectuais nos stands de Permanência e Hora Presente nos congressos do *Office*. A supervalorização da *Marcha da Família por Deus e pela Liberdade*, movimento criado pelo grupo Tradição, Família e Propriedade (TFP). O movimento das *Marchas* foi significativo na construção da memória brasileira sobre a ditadura militar, pois multidões saíram às ruas em apoio ao regime, até aqueles que se colocaram contra mais tarde, como a CNBB e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o que demonstra o poder da mídia e das elites políticas na construção de um projeto de poder. A invenção de um inimigo, no caso o comunismo, responsável pela crise que se vivia naquele momento, junto com as agitações sociais características de momentos conturbados (geralmente econômicos) fizeram com que a sociedade civil apoiasse o golpe.

16 Relatório a Geisel (nº 129 - 31, 01, 010) e Relatório ao Golbery (nº 130 - 31, 01, 010).

Como resultado, o Brasil conviveu silenciosamente com casos de violações e desrespeito aos direitos humanos. De vez em quando essas práticas “esbarravam” no cotidiano das pessoas que se omitiam por diversos motivos: apoio à ditadura ou medo da repressão. O problema é que essa base civil foi esquecida, junto com vários casos encobertos com a censura e que não foram tratados da maneira adequada na construção da memória histórica. Uma sociedade que não conhece seu passado não consegue se organizar democraticamente no presente, podendo correr o risco de que “fantasmas” voltem a assombrar o presente dessa coletividade.

8. Referências

8.1 Fontes Primárias

Actes du Congres de L'Office Internactional. Laussane. Revista Hora Presente. São Paulo (1968-1974).
Revista Permanência. Gráfica Editora Laemmert. Rio de Janeiro (1968-1980).

8.2 Arquivo de Gustavo Corção (Biblioteca Nacional, seção manuscritos)

CORÇÃO, Gustavo. Carta a Jean Ousset. S.I., 20 de janeiro, 1971.
FLEICHMAN, Julio. Relatório do Congresso de Lausanne à Geisel. S.I., 21 agosto, 1974.
FLEICHMAN, Julio. Relatório do Congresso de Lausanne à Golbery. S.I., 22 agosto, 1974.

8.3 Referências Bibliográficas

ANTOINE, Pe. Charles. O Integrismo brasileiro. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965. São Paulo: Paulinas, 2005.

COMPAGNON, Oliver. Le 68 des catholiques latino-américains dans une perspective transatlantique. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Materiales de seminarios, 2008. Disponível em: <www.nuevomundo.revues.org/47243.> Acesso em: 23 de Jun. de 2011.

GOMES, Ângela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.). Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política. RJ: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Paulo César. Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira (1971-1980): a visão da espionagem. Rio de Janeiro: Record, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2017.

NEUVILLE, Raphaëlle de. Jean Ousset et la Cité catholique. Bouère: Dominique Martin Morin, 1998.

POLAT, Emile. « 'Modernisme' et 'Intégrisme' : du concept polémique à l'irénisme critique ». Archives de sociologie des religions, n. 27, p. 1-28, 1969. Acesso em: 15/03/2016.

ROMANO, Roberto. Brasil: Igreja contra Estado. Rio de Janeiro: Kairos, 1979.

SERBIN, Kenneth P. Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. Carlos Eduardo Lins da Silva (Trad.). São Paulo: Cia. Das letras, 2001.

SOUZA, Glaucos Costa de Souza. Conflitos teológicos e Políticos da Igreja católica no Brasil presente nos artigos das revistas Hora Presente e Permanência (1968-1974). Assis, 2012. 255f.: il.

VALENTE, Rubens. Os Fuzis e as Flechas: história de sangue e resistência indígena na ditadura. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

Glaucos Costa de Souza
Doutor pela FFLCH/USP
volei_02@usp.br